

# 4<sup>a</sup> Parte

---

**Discursos**

# O trigo da moabita<sup>1</sup>

Francisco Marialva Mont'Alverne Frota

## Ave, Palavra!

A palavra é o instrumento que Deus colocou à disposição do homem como eficaz veículo da comunicação entre os seus semelhantes, propiciando que esse dote enseje o harmonioso sentimento da fraternidade universal de que tanto necessitamos em nossos dias.

A palavra, na acepção lingüística, é o signo fônico que cria a relação entre significante e significado, e faz surgir o liame da interlocução entre o falante e o ouvinte.

A palavra também é o *logos* da construção heraclitiana como motor da mutação da realidade.

No plano religioso a palavra é o *verbum*, primeira cogitação para o *fiat* divino de Deus feito Homem. Tocante a esta verdade irrefutável, diz João: *Et Verbum caro factum est* (1,14). "E o Verbo se fez homem".

Quando a palavra é judiciosa, veraz, reveladora de ensinamento cristão, é semente de Deus: *Semen est verbum Dei*, diz Lucas (8, 11). "A semente é a palavra de Deus".

Ave, palavra, expressão do pensamento, dom de Deus, fluido pentecostal que acometeu no Cenáculo aos Apóstolos, na manhã do cristianismo, para a irradiação da doutrina do Nazareno e, também, para a exaltação do testemunho de vida modelar do cristão.

Feliz de mim que posso, como intérprete, viver as alegrias desta noite e externar com palavras os sentimentos de fraternidade da Família Mont'Alverne pelo feliz transcurso dos setenta anos de Ruth, amada e querida entre irmãos, cunhados, cunhadas, sobrinhos e primos; estimada e respeitada na comunidade sobralense, mercê da retidão do seu caráter, de sua conduta sempre exemplar, da sua reconhecida mansidão, da sua conhecida prudência e da efetiva participação no laicato.

---

<sup>1</sup> Discurso proferido no Mosteiro de Maria Marphisa Mont'Alverne, em Sobral, em 13 de abril de 1988, data dos setenta anos de Ruth Mont'Alverne.

As palavras vestem os vestidos das circunstâncias, conforme o sentimento de quem as profere, pois muito são os falares. Davi falava com Deus pela oração da poesia de seus Salmos. Petrarca, de verso sonoríssimo, não esquecia as suas Canzoni. Os jograis mediavalescos dedilhavam seus instrumentos transformando-os em Viola d'amore. Gil Vicente, na infância da Língua Portuguesa, refere-se nos seus Autos, mais de uma vez, à fala do coração. Camilo, mestre consumado, com sua prosa macia e redonda, relata, em um de seus livros, a fala do bem querer. O meu falar, as minhas palavras, ditadas pelo sentimento filial que sempre me alcançou, são palavras de ternura, aveludadas em crescente gratidão, rociadas de emoção, ditadas pelo coração do filho para o coração da mãe, no grato dever de exaltar a exemplaridade de sua vida cheia de união cristã. Por tudo isso, Uth, te saúdo no dia de hoje, em que te vejo enlaçada pela nossa estima, com os cabelos brancos, confirmando, pelo testemunho de tua vida, a verdade contida no *Livro dos Provérbios*: “Cabelos brancos são uma coroa de glória, a qual se encontra no caminho da justiça” (16,31). Completo eu: cabelos brancos, sinal da tua renúncia silenciosa.

## O Arco do Tempo

A palavra é mágica e tem o encanto e a força de atrair o tempo passado para o tempo presente, projetando-o para as bem-aventuranças do tempo futuro. Para tal constatação, basta observar com os olhos do amor o sortilégio da palavra. O amor tudo move. Olhai esta verdade que Dante colocou no fecho da *Divina Comédia*: *L'amore che move il sole e l'altre stelle* (Par. XXXIII, 145). “O amor que move o sol e outras estrelas”.

Nesta noite de Páscoa florida, olhai para esta casa solarenga, de altas paredes, com risco arquitetural do neoclássico lusotropical. Vede este Mosteiro de Marphisa Mont'Alverne, arca familiar de nossas venerandas tradições. Tudo nesta casa hoje é festa: da alta porta de entrada, larga como os corações de seus idealizadores, ao quintal, tudo é alegria. Olhai a escadaria; a sala de visita e o gabinete, ambos circundados com os retratos de nossos antepassados, de nossos avoengos, como a nos apontarem a retidão de seus exemplos. Os cômodos

em pares estão enxameados de acolhedoras redes brancas, como sempre estiveram durante toda a sua existência, para refazer, da canseira de dias afanosos sob o sol ardente, o repouso dos filhos e visitantes, fazendo-os levantar pelo som dos sinos inigualáveis de Sobral e pela bandeja do café fumegante, servido ao pé da rede, no melhor estilo da casa-grande do nosso patriarcado rural. Mas não é só isso. Neste abril de águas mil, tudo refloriu. No jardim lateral, observai o verdor da palmeira cinqüentenária, apontando-nos, com as flechas de suas palmas, que nosso destino é o alto, que nossa vida é transfinita, tal como na verdade virgiliana: *Macte nova virtute, puer: sic itur ad astra.* (Eneida, IX, 641): "Continua com nova força, ó jovem; é assim que se vai aos astros". Deixai que vossos corações sejam envolvidos no suave perfume das flores emblemáticas de nossa família: o jasmim-laranja de Vovó Marphisa e as estrelas do Papai Toinho, delicados símbolos do amor primaveril nos corações do Casal Fundador de nosso clã. O buquê-de-noiva, os velhos jasmineiros, o araçazeiro também riem na oferta dadivosa de suas flores e frutos, sob o despencar do véu das águas das bicas-de-jacaré.

E esta sala de estar, com a larga mesa do velho patriarca Antônio Mont'Alverne, aumentada para caber a prole numerosa de meu Avô, está ornada com a velha e preciosa toalha das núpcias de Papai Toinho com Vovó Marphisa, e, agora, também, enfeita a mesa para a festa do Jubileu de Ternura de Ruth Mont'Alverne, guardiã deste bem amado Mosteiro, suave sucessora de Vovó Marphisa, no continuar da prece nos velhos santuários e no cativante e acolhedor gesto de a todos abrigar neste teto, largo como seu coração.

A palavra é vida e vivifica o passado que sai do cofre da memória. O tecido da estrutura da frase é irrigado com o sangue da sensibilidade, pulsando no ritmo harmonioso da emoção que transmite o escritor. Só o texto, só o livro, só o discurso retêm o tempo fugidío, guardando sua alma, conforme a lição de Carlyle.

Ouçam o que vê meu coração, na ação interligada do tempo passado com o momento em que vivemos, tentando reter a alma do tempo. Realumbra-se o Mosteiro nesta noite de cálidas emoções, na exata medida, como reluziu na manhã de 1918, dia de sua inauguração. Pela escadaria que agora acabamos de subir, subiu, naquela radiosa manhã, um grupo de meninos e meninas, alumbrado com a

beleza severa dos móveis de pau-preto, dos consolos com grandes espelhos, das cômodas conventuais, a olharem aturdidos para aquela mesa, repleta de bules, da louça requintada de Talavera, e dos bazarás do Barão, para servir o chocolate e o vinho capitoso. Vejo, agora, aquelas meninas transformadas em minhas tias, cercando, com a mesma emoção, a velha mesa, ao redor da qual estamos. Duas daquelas meninas, minhas tias Aracy e Alpha, agora, aqui, estão jubiladas com a láurea de 50 anos de feliz união matrimonial, confirmando que o casamento é o vínculo que não se desata, que proporciona vida de doação a dois, em proveito da prole.

O momento culminante daquela manhã de 1918 se completa, pela retenção da alma do tempo, nesta noite de 1988. Esta curva do passado com o presente, em sua convergência abstrata, é o que chamo arco do tempo.

Nos idos de 1918, após a invasão desta casa pela ciranda da meninada, para a festa da inauguração do Mosteiro, subiu o casal Maria Delmira e Alexandre Soares. Ela vestia um longo de renda escura, modelo Imperatriz Teresa Cristina. O Barão, de paletó saco, vinha abordado a uma bengala, mais por charme que por necessidade, pois ainda estava cheio de forças, e ainda era faceiro. O casal postou-se no topo da escada, aguardando a filha e o genro, com o intuito de surpreender o riso do contentamento do jovem casal, para o qual construíram a imponente morada inteira. O Barão tinha o ar senatorial, paletó aberto, mergulhando o polegar na cava do colete e o dedo mínimo dançando sobre o correntão de ouro, que traspassava os bofes de renda da camisa de cambraia. Nininha portava uma sombrinha francesa, comprada na *Maison Bleu*, mas o que nela mais se destacava eram as orelhas consteladas de brilhantes, que lhe presenteara o marido, em duas ocasiões. Em seguida, chegou Vovó Marphisa, na beleza de seus 27 anos, arrimada no braço do seu Toinho. Vovó vestia um azul-cobalto, que mais lhe iluminava seu rosto de porcelana. No pulso da mão esquerda, era visível uma pulseira, uma âncora de brilhantes, presa a uma fita de veludo preta. No colo, uma estrela, também, de brilhantes, adorno da joalheria da mãe. E o mais importante: trazia nos braços, aconchegada ao seu coração, uma criança de três meses. Era a Uth, que agora está aqui entre nós, na mesma casa, com os irmãos que com ela aqui chega-

ram, no dia da inauguração do Casarão, e com os outros que chegaram depois. Vejam: de 1918 a este 1988, jamais deixou este solar, é o amor velho, é o amor recíproco. É este velho Mosteiro, Ruth, que agora se encontra remocado, exibindo as galas dos seus enfeites, da mesma gente, que te saúda também, enternecido pelos 70 anos de convivência, de cuidados, de amizade.

Aquela entrada entre mãe e filha nesta casa, no mesmo momento, na perspectiva do tempo, me permite concluir que houve um fluido premonitório de Vovó Marphisa, pois, na verdade, levava ela para a casa nova, para o seu Mosteiro, a inseparável companhia de toda a sua vida, transformando-se, pelos inextinguíveis cuidados, em zeloso e vigilante Anjo da Guarda.

Ave, palavra que ressuscita o tempo, que o fixa na textura imagística da escritura.

Repito os belos versos iniciais das *Sextilhas de Frei Antônio*:

*Bom tempo foi o d'outrora  
Quando o reino era cristão,*

.....

Na inauguração do Mosteiro, em 1918, a primeira festa foi a da confraternização do belo quadro de Cristo majestático, vindo do Grão-Pará, através do Verniaud, amigo de meu Avô. Em perfeita quadratura, a primeira manifestação de regozijo da Família Mont'Alverne, pelo transcurso dos 70 anos de Ruth, foi a celebração da Missa na Capela do Colégio Santa Ana, pelos caros amigos Padres Sadoc, Gonçalo e Lira. Pela constante religiosidade, pela reta conduta, pôde Uth bem contar seus dias. E foi por isto mesmo que mandei imprimir, na lembrança que foi distribuída aos que participaram da Missa, o versículo 12 do *Salmo 89*. Diz o Salmista: "*Ensinai-nos a bem contar os nossos dias, para alcançarmos o saber do coração*".

## **O Trigo da Dedicção**

A vida de nossa Ruth Mont'Alverne, em vários aspectos, se assemelha com a versão bíblica da Rute moabita. No Livro de Rute

é intenso e vivo o diálogo. Ressalta a operosidade, a renúncia e o amor a toda prova com que cercou Rute a Noemi. Demais, disso, destaca também o cumprimento da lei do levirato e, por último, enfoca a universalidade do amor de Deus, que inclui na ascendência de Jesus uma estrangeira e um judeu.

A nossa Ruth nasceu em 13 de abril de 1918. Colhi nas páginas do maior dos sermonistas, no verbo barroco do Padre Antônio Vieira, que iluminou os púlpitos da Bahia, do Pará e do Maranhão, um pensamento contido no *Sermão do Nascimento da Mãe de Deus*, pregado em Odivelas, no Convento das Filhas do Patriarca São Bernardo, construído por D. Dinis. Imagino ver o Padre Vieira neste Mosteiro, na sala de visitas, de roquete de renda e a estola roxa sobre o mesmo, tomado de frêmito oratório, com a mão alada, escandindo as palavras no português castiço que reboia: “*Nasce Rute, não só para colher, mas para regar com o orvalho do céu e criar as espigas, de que se há de fazer o pão, que há de ser o sustento do mundo*”.

Criou-se Ruth entre a bulha dos irmãos e amigos, entre as temporadas da Meruoca e do Jatobá, sob o inesquecível comando culinário de Maria de Holanda, a nossa Comadre. Um tenaz paratifo redobrou os cuidados paternos, robustecendo também o afeto. Bem cedo, aos 8 anos, já tinha um ar de professorinha, pois usava óculos. Estudou no Externato do Colégio de Nossa Senhora da Assunção e depois diplomou-se no Colégio Santa Ana. Cresceu, tornou-se adulta, mas sempre andou ligada à barra do vestido da mãe e, no continuar, cristalizou seu afeto à Senhora deste Mosteiro. Vovó Marphisa, na leitura de sua *Mensagem*, em 10/11/1956, data de suas Bodas de Saudade, traçou-lhe este perfil, que agora redigo, para exaltar a ambas. Dizia a Vovó querida: “*De gênio alegre, parece ter assimilado, entretanto, as características de renúncia e dedicação da bela moabita, sua homônima da Bíblia e se como esta não se tornou a voluntária companhia de uma sogra que nunca se esforçou em adquirir, constituiu-se o Anjo da Guarda da sua Mamãe*”. Quero ampliar este perfil com o meu pincel: Uth foi sempre cordata, mansa, dedicada à mãe, cumprindo com alegria seus deveres, pon-do sempre em primeiro lugar a prática das virtudes. Como a Rute moabita, a Ruth sobralense colheu o trigo das gavelas e semeou a

sua semente em exemplo de rara dedicação filial. Sei e digo para exaltá-la, com o lacre de meu testemunho, que vivenciou com sua Mamãe o juramento que sua homônima bíblica fizera com Noemi: *Ne aderverseris mihi ut relinquam te et abeam: quocumque enim perrexeris pergam, et ubi morata fueris, et ego pariter morabor. Populus tuus populus meus. et Deus tuus Deus meus. Quae te terra morientem susceperit, in ea moriar: ibique locum accipiam sepulturae. Haec mihi faciat Dominus et haec addat, si non sola mors me et te separaverit* (Rute, 1, 16-17). “Não te ponhas contra mim obrigando-me a deixarte e a ir-me: porque para onde quer que tu fores, irei eu: e onde quer que tu ficares, ficarei eu também. O teu povo será o meu povo, e o teu Deus o meu Deus. A terra em que morreres, nessa morrererei: e ali terei o meu sepulcro. Isto me faça o Senhor, e ainda mais, se outra coisa que a morte me separar de ti”.

Não conheço desvelo que se iguale ao que Ruth, com alegria, dedicou à Vovó Marphisa. Deu à sua mãe a paz de lâ e o mel da bondade de seu coração. Cantava com a mãe, rezava com a mãe, acompanhava a mãe, vivia com enternecimento edificante com a mãe.

Já velhinha, Vovó Marphisa, agradecida ao desvelo da filha querida, fez o elogio que tem os tons de incontida ternura, que agora repito, fiel à sua memória, e para consagrar esta virtude:

*Mas . . .  
Vejo ao meu lado um clarão  
Na invulgar dedicação  
Da filial Moabita  
Que feliz comigo habita  
Me servindo com alegria  
Sem cessar de noite e de dia.*

Por esta dedicação diuturna, sem exibição, consciente, de feição angelizante, que dedicaste à Vovó Marphisa, tua família, ao redor de ti, te saúda, como modelo de dedicação filial.

Ave, palavra, cujo sortilégio reanima o tempo e nos faz reviver sua atmosfera, na sedenta procura do tônico reconfortador de seu reencontro.



## A Água da Adoção

Bateia na mão, sigo para a margem do rio da memória, pisando com cuidado sobre o cascalho dos dias iluminados, na risonha infância, na promissora juventude e na hora solar da maturidade, até chegar à areia aurífera deste dia, desta noite, para lavar velhas e caras recordações. Quero-vos mostrar o ouro da minha gratidão, na flamância da palavra. É a voz do coração que ides ouvir, e gostaria que o verbo me fosse ágil, a frase iluminada, cerzida, com boleio e ritmo, para revificar, no encontro do tempo redescoberto, as lembranças de um afeto mútuo. Quero-vos contar os traços iniciais de minha adoção, vinda pela bênção da madrinha, pelo amor maternal que Uth sempre me devotou. Entretanto, tenho a preocupação de alertar aos que me ouvem, neste lar comum da Família Mont'Alverne, a mesma observação que fez Guimarães Rosa, na Academia Brasileira de Letras, quando leu o perfil de João Neves de Fontoura. Repito: "*No que me refiro, sub-refiro-me*". O que pretendo, o especial propósito que tenho, é exaltar a Uth, no grato dever de filho, agradecendo a mão que me vem abençoando a vida, desde a primavera de 1941.

É comum aos recém-nascidos o choro persistente, às vezes aplacado pelo canto da mãe ou pela chupeta, pelo pipo ou pela borracha, como fazia a nossa Quinha, que embalou desde o berço da Mainha ao do Ticiano. Mas, também, é verdade que há criança de choro renitente, que impacienta e angustia a quantos a ouvem, sem poder conseguir sedar o ritmo enervante do som daquela angústia infantil. Em um dos dias do mês de outubro de 1941, estava eu a gritar, num choro prolongado, que afligiu a Mainha, que resistiu à cantiga monocórdia da Fortinha. Vovó Marphisa foi chamada e, lépida, veio acudir a voz de Mainha, com a sua autoridade de ter criado prole numerosa. Resisti a tudo: era o meu dia de chorar. Fui entregue aos braços da Uth, que me trouxe para este Mosteiro e, observando que os meus lábios estavam secos, e eu já ansiado de chorar, deu-me água, uma mamadeira d'água, que foi sorvida com a sofreguidão de quem encontrou o que desejava. Farto, saciado, abri os olhos de risco, e ri para ela, quando vi sua alegria em me ver calado, com a sede dessedentada. Foi desse tempo, até hoje, que aquela abençoada

água se vem renovando, como fonte inesgotável, nos muitos modos em que o amor materno consegue transformar as coisas em afeto, carinho, bênção e verdadeira adoção, até se iluminar na água lustral do meu batismo, quando se tornou minha madrinha. Contento do penhor de sua bênção, pedi-lhe que a estendesse à minha filha Maria Letícia, hoje, sua afilhada, também.

Filho de pais católicos, fui pagão por um ano, à espera de que meu prometido padrinho se ordenasse sacerdote, para ele mesmo me batizar, como o fez na Catedral de Sobral. Marcada a data da cerimônia batismal, Uth foi escolhida para minha madrinha, por inspiração de meu pai, que lembrou a minha mãe a afeição da Ruth pelo menino, desde o dia daquele choro persistente, que resultou numa temporada inicial de dois meses nesta casa. A água do batismo me fez cristão e me garantiu navegar nas outras águas da afeição especial da Uth.

Mesmo sendo *secundarium partium*, devo referir que foi a madrinha que me alfabetizou, em uma cartilha que ainda possuo e que guardo como um dos textos da mais alta valia da minha livraria particular.

Sempre acompanhei seus passos: fui o assistente infantil de suas aulas no Grupo Professor Arruda; assistia com ela, da Tribuna da Catedral de Sobral, aos atos da Semana Santa, ainda sem entender o latim dos padres ilustres; aturdido com o estrondo, testemunhei, com a Ruth, a demolição da antiga Capela de São Francisco, dos batentes da casa fronteira à casa dos meus tios Leda e José Aguiar Fota. A primeira película cinematográfica a que assisti, no Cine São João – À Noite Sonhamos – foi levado por Uth.

Essa assistência da madrinha ao afilhado era entremeadada de presentes: os sapatos de *bufinbo*, a bolinha de *pingue pongue* e os soldadinhos de chumbo, os quais guardo comigo, talvez com o desejo inconsciente de reter a radiosa infância, que desfrutei ao lado da madrinha.

A proteção da Uth se alargou para a juventude. Em Fortaleza, quando me tornei, por empenho da Vovó Marphisa, e por consciente pendor vocacional, bacharel em direito, em 1966, foi Ruth que me colocou o rubi no dedo, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, exatamente 33 anos depois da formatura, na mesma Faculdade de

Direito, do meu tio José Maria. Na Dissertação, para obter a conclusão do curso de Pós-Graduação, na Faculdade de Direito, lá estava ela, ouvindo a arguição que me era feita, com verdadeiro ranço coimbrão. Na Universidade Vale do Acaraú, quando iniciei o magistério superior dessa Instituição, deixou-me à porta da sala de aula. Já no Maranhão, quando me casei com Maria Gerviz, na Catedral de Nossa Senhora da Vitória, estava Uth, rezando por nossa união, levando-me o presente de Vovó Marphisa e o seu, na amostra do Aparelho das Orquídeas, adquirido por meu avô, naquele Estado. Quando lancei meu primeiro livro, no Salão da Academia Maranhense de Letras, estava Uth ao lado da Gerviz, observando a distribuição de autógrafos do bisonho escritor. No Palácio dos Leões, quando o Governador do Estado colocou sobre o meu peito a Medalha do Mérito Timbira, estavam Carolina, Antônio, Tio Mendes e Uth, a qual, quando me abraçou, confessou: *calculo a alegria de sua mãe, Marialva, se aqui estivesse.*

O que posso dizer é que por onde ando, escalando meu caminho, subindo encostas, cumprindo o dever de marido, pai, amigo e profissional, tenho encontrado o louro trigo da seara da moabita sobralense, da minha madrinha, da mãe adotiva que ganhei, transformando em afeto, em palavras de conselho e de amor filial.

Ave, palavra que redescobre o tempo e possibilita, pelo seu sortilégio, reanimar caras emoções, no milagre da fixação da alma do tempo.

Utinha, que Deus faça do trigo do teu exemplo a semente para novas searas na Família Mont'Alverne.